

LITERATURA E CIBERESPAÇO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS NA CONTEMPORANEIDADE

Juliana Gervason Defilippo¹
Rita de Cássia Florentino Barcellos²

RESUMO: Como a literatura é fruto do seu tempo, nós temos assistido à inserção das tecnologias na produção literária. Tanto romances quanto outros gêneros literários têm apresentado seus personagens fazendo uso de aparatos tecnológicos, principalmente, naquilo que se refere às diferentes formas de se comunicarem utilizando o espaço virtual. A partir destas considerações, este artigo tem como objetivo analisar o romance impresso *A condição indestrutível de ter sido*, da escritora gaúcha Helena Terra, a partir da perspectiva da relação real *versus* virtual na tessitura da narrativa. Assim, busca-se compreender como a protagonista se apropria do espaço virtual na construção de sua relação amorosa. Interessa-nos analisar como o espaço virtual (ciberespaço) com suas variabilidades, dentro da estrutura da obra em questão, forja o comportamento dos personagens, afetando suas subjetividades e as maneiras como se relacionam. Em um contexto de desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), assistimos à emergência, na literatura brasileira contemporânea, das múltiplas possibilidades que o espaço virtual oferece na construção das relações dos personagens em seu cotidiano. Percebe-se, neste romance, que à medida que as conversas vão acontecendo, há um desvelar-se tanto para o outro quanto para si mesmo, tecido no espaço de escrita e leitura, via Internet, por meio de mensagens privadas através do blogue e de *e-mails* pessoais.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea; Ciberespaço; A condição indestrutível de ter sido.

LITERATURE AND CIBERESPAÇO: POSSIBLE DIALOGUES IN CONTEMPORANEITY

ABSTRACT: As a literature is the result of his time, we have seen the insertion of technologies in literary production. Both, romances and other literary genres, have their own characters making use of technological devices, especially in what refers to different ways of communicating virtual space. Based on these considerations, this article aims to analyze the novel *A condição indestrutível de ter sido*, by the writer born in Rio Grande do Sul, Brazil, Helena Terra, in the construction of her love relationship. We are interested in understanding how the virtual space (cyberspace) with its variabilities, within the narrative structure of the

¹ Professora Doutora do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - CES/JF.

² Mestranda do Programa de Mestrado em Letras - Literatura Brasileira - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - CES/JF.

work in question, forges the behavior of the characters, affecting their subjectivities and the ways in which they relate. In a context of development of digital information and communication technologies, we have witnessed the emergence, in contemporary Brazilian literature, of the multiple possibilities that virtual space offers in the construction of the relations of the characters in their daily life. It is noticed in this novel that as the conversations happen, there is an unveiling for both the other and for itself, woven into the space of writing and reading, via the Internet, through private messages through the blog and personal emails.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature; Ciberspace; A condição indestrutível de ter sido.

INTRODUÇÃO

A literatura é fruto do seu tempo e no tempo presente temos assistido à inserção das tecnologias e realidades virtuais no espaço de produção literária, interferindo significativamente, por exemplo, nos elementos da narrativa. Este artigo surge, então, com o intuito de refletir como os romances impressos da literatura brasileira contemporânea têm se apropriado do espaço virtual (ciberspaço) para tecer suas narrativas, partindo da leitura de uma obra específica.

A estrutura do texto narrativo permite análises que circulam por diversos temas, dos personagens ao foco narrativo, do tempo à ação, do enredo ao espaço, por exemplo. Diante dessas possibilidades e, sobretudo, das muitas outras que surgem com a literatura contemporânea, esta pesquisa parte do conceito de espaço em que se deslocam os personagens de uma história, buscando abordar um novo *locus* narrativo, oriundo da contemporaneidade: o espaço virtual ou ciberspaço. Pretende-se analisar como na literatura impressa contemporânea os personagens utilizam-se das novas linguagens e recursos, a partir dos aparatos tecnológicos, para construir suas subjetividades e identidades no cotidiano em que estão imersos.

Diversos romances, dentre outros gêneros literários, têm apresentado seus personagens fazendo uso destes aparatos tecnológicos, principalmente, naquilo que se refere às diferentes formas de se comunicarem em suas relações pessoais/virtuais. Essa comunicação, hoje, é muito acentuada, uma vez que as mensagens veiculadas via computador ou celular são transmitidas com grande velocidade, contendo textos, imagens, *emoticons*, vídeos, áudios e todo tipo de material que possa ser digitalizado. Assim, uma comunicação, síncrona ou assíncrona, simula por meio da mensagem teclada os encontros face a face, transmitindo emoções e sentimentos.

Sabemos que isso não é um privilégio do tempo presente; as cartas também emocionavam e continuam emocionando as pessoas e a seu modo, os remetentes encontravam subterfúgios para adicionar, ao papel manuscrito, outras formas de sentimentos e afeto (perfumando o papel ou acrescentando uma flor junto ao envelope, por exemplo). Mas, o processo comunicativo via tecnologias digitais traz outros modos de enunciação e recepção. E a simultaneidade de trocas de mensagens possibilita às pessoas certo grau de onipresença, alterando significativamente as formas de se relacionar. É importante discutir e compreender esses modos de enunciação da mensagem e os modos de recepção para, então, compreender também o espaço onde eles se estabelecem.

O desenvolvimento tecnológico tem suscitado, nos mais diversos campos do conhecimento, análises que objetivam explicar as características da contemporaneidade no que tange à construção de novas subjetividades e identidades. Para analisar como a literatura contemporânea brasileira tem se apropriado desses novos “espaços” para narrar as relações em seus romances, selecionamos o romance *A condição indestrutível de ter sido*, da escritora gaúcha Helena Terra, publicado no ano de 2013 pela editora Dublinense.

Para realizar esta seleção, procedeu-se, em um primeiro momento, a um mapeamento dos romances brasileiros cujas narrativas apresentavam como *locus* o espaço virtual. Esse mapeamento possibilitou um levantamento de 8 (oito) livros, publicados durante o período de 1997 a 2014. O romance selecionado para a análise neste artigo, da autoria da escritora Helena Terra, apresentou-se, ao lado dos demais, como o ideal para realizar uma análise mais complexa, uma vez que nele é possível perceber com clareza que a autora se utiliza do uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) para narrar, sustentar e desenvolver sua trama textual.

LITERATURA IMPRESSA CONTEMPORÂNEA E CIBERESPAÇO

Segundo a pesquisadora Dalgastagnè (2014, p. 9), “[...] é difícil pensar a literatura brasileira contemporânea sem movimentar um conjunto de problemas, que pode parecer apaziguado, mas que se revelam em toda a sua extensão cada vez que algo sai de seu lugar”. Tomando como ponto de partida esse caminho é que buscamos mapear e analisar romances da literatura brasileira contemporânea que se utilizam do espaço virtual como palco.

De acordo com Munari (2011), das narrativas orais para o suporte impresso há uma história que remonta há seis mil anos; embora a literatura oral continue coexistindo com a escrita:

o encontro entre a literatura e o livro deu-se perto de 6 mil anos atrás, no entanto, apenas há pouco mais de 500 anos é que foi firmado este acordo, entre o livro impresso – o amadurecimento do suporte, desde as tábuas até o código – e a literatura moderna. Desde então, a literatura – arte das palavras – é produzida para pertencer ao livro e ser fruída através dele (2011, p. 1).

De acordo com Munari (2011), entre os gêneros, a última grande mudança em relação à leitura foi a canonização do romance, em detrimento da poesia e do ensaio: “[...] e canonização de gênero, sabemos, tem muita relação com o leitor, com aquilo que ele escolhe para ler” (MUNARI, 2011, p. 2). Com a chegada das tecnologias, é possível perceber que os autores brasileiros contemporâneos estão se apropriando desses aparatos para criar seus ambientes e as relações entre seus personagens³. Das sociedades orais às letradas, percorremos um longo caminho; hoje a dicotomia está pautada no impresso *versus* o digital. Embora não seja o objetivo deste artigo discutir esta relação, entendemos que o suporte impresso apropria-se de características do digital e vice-versa. A esse respeito, a pesquisadora Beatriz Resende afirma que:

Ao iniciarmos qualquer observação sobre a prosa da ficção brasileira contemporânea, especialmente a praticada da metade dos anos 1990 até o correr desta primeira década do século XXI, percebemos, de saída, que precisamos deslocar a atenção de modelos, conceitos e espaços que nos eram familiares até pouco tempo atrás. Teremos que deixar jargões tradicionais no trato literário e, saudavelmente, conhecer termos que vão da antropologia ao vocabulário do misterioso universo da informática [...] (2008, p. 15).

Sobre o processo de digitalização do texto literário, ou seja, a mudança de suporte do meio impresso para o meio virtual, é ainda Resende (2008) quem contemporiza afirmando que a prosa apresentada na atualidade vive um momento de grande qualidade. Dentre as possibilidades de utilização da Internet como meio de tornar um texto literário público, o uso dos blogues é o que mais debate tem provocado. Cabe destacar que os blogues tanto surgem como espaço de produção do texto literário, como também aparecem no texto literário como espaço da narrativa, e este é, no momento, nosso lugar de interesse.

³ Convém ressaltar a importância do romance impresso uma vez que o foco deste artigo está nessa modalidade, uma vez que não optamos por analisar as publicações literárias feitas apenas na Internet, distribuídas em páginas de *fanfic* ou *e-books*, por exemplo.

Notamos nas pesquisas atuais⁴ uma preocupação evidente em explorar o ciberespaço buscando compreender de que maneira ele interfere no texto literário. Em contrapartida, é possível verificar poucos estudos que circulam em um caminho oposto, buscando compreender como o ciberespaço interferiria na literatura, alterando e diluindo, por exemplo, a própria estrutura narrativa do texto. Desta forma, é importante esclarecer a concepção de ciberespaço que estamos empregando. Pierre Lèvy (1999), teórico da contemporaneidade, define assim os termos ciberespaço e cibercultura:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (1999, p. 17).

Nessa linha de discussão, direcionamos a importância do espaço (lugar) onde ocorre uma trama narrada conforme é descrita pelo pesquisador Wink:

[...] em qualquer texto narrativo a ação e o movimento dos personagens desenvolvem-se, mais ou menos explicitamente, num espaço narrado. Este espaço pode ser extremamente limitado ou amplo; pode ser um mero palco ou adquirir qualidade de protagonista; pode ser um espaço inventado, remeter anonimamente à geografia real ou até citá-la [...]; pode ser estruturado de acordo com as noções de espacialidade ou subvertê-las (WINK, 2015, p. 21).

Seguindo o conceito de ciberespaço tal como é definido por Lèvy (1999) e a delimitação dos espaços literários conforme são estudados dentro do campo literário, sugerida por Wink (2015), situamos nossa abordagem neste artigo – e na pesquisa maior que dele origina. O espaço narrado é uma criação que surge de um referente, tanto por parte do leitor quanto do escritor, não sendo, portanto, algo vago ou gratuito no texto literário. Segundo ainda Wink, o espaço dentro da estrutura narrativa, “pertence às estratégias narrativas e, portanto, cumpre uma função de relevância para a análise literária” (WINK, 2015, p. 21). O que vemos, na contemporaneidade, é a possibilidade de surgimento de uma nova topografia literária, partindo do ciberespaço.

⁴ A título de exemplo cita-se o pesquisador Rogério de Souza Sérgio Ferreira (UFJF) com seu GT: "Grupo de estudos em poesia e narrativas interativas em ambientes digitais".

Para os pesquisadores Ferreira e Felipe (2010), as relações acontecem no espaço virtual utilizando-se de várias ferramentas e linguagens, como *sites*, salas de bate-papo ou *e-mails*. Os leitores podem dialogar através desse espaço construindo, assim, relações; e dessa forma apropriam-se destas linguagens para dar sentimento, desejo, emoção e realizar encontros e desencontros. Ou seja, com o advento da Internet não apenas o livro como instrumento se altera, conforme afirmam os pesquisadores, como alteram-se também as estruturas narrativas.

Podemos pensar na Internet como mais uma possibilidade de cenário para os escritores, expandindo os caminhos dentro da estrutura narrativa. Assim como um romance pode ambientar-se exclusivamente dentro de um quarto, por exemplo, o cotidiano da protagonista do livro *A condição indestrutível de ter sido*, de Helena Terra, acontece – majoritariamente – nos ambientes próprios do espaço virtual.

PARABÉNS PELO SEU BLOGUE. COMO POSSO PARTICIPAR?⁵

A condição indestrutível de ter sido, romance de estreia da escritora gaúcha Helena Terra, apresenta-nos uma narrativa onde seus personagens se utilizam do espaço virtual para tecer suas relações. A protagonista é autora de um blogue coletivo – neste tipo de espaço virtual, o autor do blogue costuma estabelecer uma relação próxima com os participantes através de diálogos proporcionados pelos comentários ali inseridos. Na obra de Helena Terra, as características próprias deste espaço virtual são mantidas com fidedignidade, e, além da caixa de comentários, o leitor do blogue também pode enviar *e-mails* para a protagonista – autora do blogue –, tal como é descrito no romance: “o processo era simples, a mecânica cooperava. Era só enviar um *e-mail* convite e pronto: o blogueiro ganhava uma porta de acesso para escrever sobre o que quisesse e do jeito que achasse melhor” (TERRA, 2013, p. 11).

Das relações estabelecidas pela personagem com os leitores de seu blogue, o romance destaca os diálogos e trocas de mensagens com o personagem Mauro. Ao estabelecer comunicação com este homem, a protagonista passa a evidenciar características próprias de uma pessoa insegura, com medo de envolver-se em uma relação e, sobretudo, acuada em virtude do espaço no qual cria laços com esse homem: parafraseando a narradora que diz ser uma pessoa de personalidade forte, dona de si, de uma mulher dada à luxúria passa a ser uma mulher invisível. Invisível para Mauro, invisível na vida. Por se tratar de um espaço virtual passível de

⁵ O título desta seção é uma frase do personagem Mauro do livro *A condição indestrutível de ter sido* (2013).

constantes mudanças, a protagonista despoja-se de suas intuições e suas aprendizagens conectando-se a esse homem e utilizando neste meio todos os subterfúgios que lhe são oferecidos. Ela poderia tê-lo rejeitado ou ignorado, mantido com ele a mesma relação que mantinha com outros leitores e leitoras de seu blogue, porém a relação entre ambos vai estendendo-se a ponto de transformá-lo em “Seu Mau”, flertando com o duplo sentido que o apelido recebe ao longo da obra:

Mau me falava sobre a mulher sem esconder o afastamento entre eles, lamentava por ela, uma esposa responsável, mas egoísta, voltada para o umbigo dos filhos e das amigas, mãe demais. [...] Escrevi a ele: vou com você para onde você quiser. (TERRA, 2013, p. 21).

A relação entre os dois se estabelece e estreita-se a partir de trocas de mensagens, declarações e acordos. Porém, em uma manhã de domingo a personagem recebe um *e-mail* escrito com frases curtas e sem explicações:

No *download* matinal de *e-mails*, em frases curtas e sem explicar o porquê, encontrei um Mauro avesso, pedindo por quietude e por um tempo, precisando encontrar, com urgência, foi isso que ele disse, com urgência, um outro ritmo, um ritmo que nosso contato não havia me preparado para assimilar. [...] incoerente com a nossa troca diária de mensagens e atenções. (TERRA, 2013, p. 23)

O abandono por parte de seu interlocutor, lança a protagonista em memórias de sofrimento, o que a impulsiona a responder a mensagem, também de forma curta, com certa ira:

Então, por costume, negando a vontade de ser honesta e de demonstrar ansiedade, lembrei do que me ensinaram sobre lágrimas, autopiedade, falta e orgulho etc. e escrevi: tudo bem. Se depender de mim, tu não tens de esperar por nada, podes te retirar sem problema. Eu nunca mais te escreverei se tu preferes assim. Afirmação que digitei sem acreditar um milímetro e da qual o meu corpo, absoluto, duvidou. Uma mentira cravejada de desespero (TERRA, 2013, p. 24).

A partir desse momento a protagonista apresenta um outro lado de sua personalidade. Uma mulher totalmente dependente desse homem, uma mulher desassossegada e com medo da solidão. A escrita que os uniu, capaz de gerar nessa mulher respostas físicas (“Mauro umedecia-me”), é também o algoz que a coloca em uma situação de desconcerto e insegurança, frente às incertezas que o texto, via ciberespaço, oferece ao seu leitor, hesitante perante seu único instrumento: a interpretação do texto:

A possibilidade de perder o contato com Mauro fez minhas coxas latejarem, a calcinha branca ganhar um tom de carne e molhar-se. Mauro umedecia-me. Escorria-me. E eu, presa aos pudores da infância, nada contava a ele. Não contava porque não sabia se o estava lendo certo ou errado (TERRA, 2013, p. 24).

A amizade do homem não lhe seria suficiente, numa relação que para ela se estabeleceu para além do plano das palavras, sentindo-se abandonada no espaço virtual que os uniu, sentindo-se desprezada na relação unilateral que criou com ele. A personagem decide não apenas distanciar-se dele virtualmente, como também precisa distanciar-se do seu próprio espaço de domínio, partindo de férias em viagem cuja única intenção era esquecer do outro e esquecer de si mesma, desconectar-se tanto do computador, quanto daquele homem: “quando entrei no avião, estava em melancolia de dar inveja ao mais incorruptível dos homens, carregando um baú de fantasias sopradas pela respiração ausente” (TERRA, 2013, p. 31).

O deslocamento de espaços – tanto o virtual quanto o real – a busca por outros países (parte em viagem para a cidade de Havana) são tentativas da personagem de reconectar-se consigo mesma, recuperar-se do sentimento de desprezo e angústia que o afastamento de Mauro gerou. Sem nunca tê-lo conhecido na vida real, tendo dele apenas as palavras, ainda assim não consegue libertar-se dos pensamentos que a consomem, trazendo Mauro a todo o momento durante a viagem, afastando-a de outros homens que dela se aproximam. Durante uma semana, distante também do computador, a personagem tenta preencher as ausências com os novos espaços de um país que não a fascina e de uma viagem que não consegue distanciá-la da dor. Os espaços concretos de cimento, poluídos e diferentes para seu olhar, não são suficientes para substituir as palavras que, por afeto, a ligaram a Mauro.

É um funcionário do hotel quem quase consegue tirá-la deste estupor:

Aceitei. Usando um vestido clichê, leve e transparente, fui conferir se poderia querer outro homem mais que a mente. E ouvi histórias, os interesses nada comuns aos meus, a falta rude de poesia no cérebro da linguagem estrangeira, concordando com monossílabos (TERRA, 2013, p. 40)

Testando seus limites, relaciona-se com este estranho, transformando sua tristeza em pesadelo, suas angústias em fracassos. Ao fingir prazer, sente-se violada e o choro acumulado de dias, sufocado de dor, transborda em lágrimas e a leva de volta para casa, para seu computador, para o único espaço que a preenchia:

Uma quantidade inumerável de *e-mails* com pedidos de perdão se empilhava. Sem dúvida, efeito da quietude dos meus dedos. O silêncio o maldito silêncio, a poeira do silêncio, jogara Mauro dentro de um buraco, fazendo-o perceber o quanto eu fazia falta. Sem subterfúgios, ele escrevera em muitas mensagens: não vá embora, minha querida, volte, escreva, persiga-me, adore-me (TERRA, 2013, p. 44).

Nota-se a necessidade que a protagonista tem de distanciar-se do espaço virtual para conseguir controlar seus impulsos e, como mulher abandonada, não procurar o homem que a rejeitou. Ao mesmo tempo, o teor das mensagens de Mauro, demonstra que aquela ortografia de afetos que os uniu era, também para ele, essencial, e a falta das mensagens, a falta de um contato virtual, transtornara-o tanto quanto a ela:

Ele voltava a afirmar que vivia bem, quase feliz, e que uma relação comigo era impossível, porque havia a mulher, as crianças, o trabalho etc., entretanto precisava dos mimos das minhas palavras. [...] Eu era a sua leitura e sua escrita, a biblioteca perfumada do seu afeto e deveria me contentar com esse posto. Não me contentava (TERRA, 2013, p. 45).

À compreensão de que Mauro, assim como ela, era dependente das palavras que os ligavam naquele espaço virtual, a protagonista decide materializar a relação entre ambos da única forma física que o ciberespaço permite: através de fotos. E quebrando as regras que ambos haviam estabelecido quando começaram a se relacionar ali, envia-lhe, anexado ao *e-mail*, um álbum de fotos nuas:

Fotografias apaixonadas. Eu estava apaixonada. Perdidamente. Despir meu corpo despira-me de qualquer resistência. Entrar em um estúdio e tirar as roupas havia sido prova final da minha veneração por um homem que, por mais que dissesse que me queria, não esforçava para tornar a nossa vida possível (TERRA, 2013, p. 45).

A materialidade estava lançada e, para além dos espaços das palavras, a protagonista iniciava um novo momento da relação e novo silêncio é instaurado por parte de Mauro, estabelecendo mais uma vez os limites de um espaço dependente de outros meios, mas, ainda, independente das vontades de seus interlocutores. O tempo entre receber e enviar *e-mails* fica imenso e a resposta dele segue repleta de encantamento e urgências: quer mais fotos, quer tocá-la, quer vê-la. Ao deparar-se com a foto de sua interlocutora, aqueles meses de trocas de *e-mails*, suas inseguranças, sua fuga, sua família não seriam mais desculpas e marcam encontro em um hotel na cidade dele. O ciberespaço torna-se insuficiente para os dois:

Eu estava naquele quarto para me desnudar e me implantar, colar, calar no corpo de Mauro. Estava para transbordar na pele dele. Depois de meses de um vaivém de *e-mails*, de conflitos, de juras e de indefinições, era tudo ou nada. Que fosse o tudo: o cheiro, o beijo e o membro de Mauro. Eu precisava ouvir a sua voz prometendo-me mais, ajustando a minha excitação ao tamanho do meu afeto, ampliando-a com ele (TERRA, 2013, p. 57)

Os desconhecidos finalmente encontram-se, em um espaço seguro para ele, mas ao mesmo tempo, discreto, já que não precisara sair de sua cidade, mas poderia esconder-se neste encontro infiel. Após dois dias juntos, a protagonista retorna à sua cidade, ao seu espaço de origem, sentindo-se agora, reinventada:

Movia-se em mim uma estrada nova, uma mulher nova. E ele caminhava sobre nós sem fronteiras, era o viajante da minha terra, ele e a sua escrita. Reverberava a pulsão de nossas correspondências em seus batimentos cardíacos. Eu compreendia o hálito dos verbos incorporados às nossas linhas e às nossas mensagens no som de cada suspiro (TERRA, 2013, p. 60).

O envio das fotos e o encontro no hotel demarcam o término do que dividia o mundo real e o espaço virtual, e após este encontro, para a protagonista, tudo passa a se resumir em Mauro. Apesar da família dele, apesar da distância, as palavras e os afetos foram vividos no espaço real e, mesmo que essa relação ainda tivesse que prosseguir por mais um tempo no espaço virtual, agora trazia menos dores, menos medo. Ela sentia-se confiante, forte e segura de que era amada por Mauro:

Nossa separação temporária existia porque há maldade implícita nos relevos e hidrografias deste planeta tortuoso feito um raciocínio sequestrado por uma emoção, feito um ser humano que seja a lavoura e a praga de si mesmo. E quem sabe de outros? Desde o princípio, a vida se transforma conforme a incidência de luz; as pessoas, com a chegada de outras. Uma chegada é um enigma (TERRA, 2013, p. 65).

No blogue coletivo surgiram novas participantes e as conversas entre eles passam a incomodá-la, sobretudo no que ela interpreta para além do campo das palavras:

[...] novas formas nos comentários dele, cada vez menores para mim, e transformados em diálogos quando entre ele e elas, diálogos dúbios, carregados de vírgulas, de três pontinhos e de pingos de is a serem escolhidos não sei por quem (TERRA, 2013, p. 69).

Dividir o espaço real com uma família não a incomoda ou ameaça, porém, ao perceber que Mauro passa a conversar com outras mulheres, no espaço do seu blogue pessoal, a protagonista sente-se intimidada e as trocas de mensagens entre ambos começam a ganhar um

contorno mais hostil. O ciberespaço que os uniu e que a ela pertencia – mais do que qualquer espaço real (conforme é possível ver na viagem ou no primeiro encontro no hotel). Assim, torna-se campo de conflito e vulnerabilidade, o blogue, então seu domínio pessoal e público, seu lugar de afetos e mensagens, torna-se frágil diante das novas atitudes de Mauro:

Eu perguntava por que ele respondia no blogue as perguntas que só podia ter recebido por *e-mail*; perguntava se ele estava trocando mensagens privadas com alguém como fazia comigo; perguntava por que motivo escrevia menos e perguntava isso ou aquilo, [...] e de que a atenção especial a outras mulheres não passavam de boa vontade e de amizade [...]. Entretanto, magoava-me dissimular o que eu sentia, fingir que estava bem e seguir testemunhando dentro da minha casa, o blogue coletivo era uma extensão do meu lar (TERRA, 2013, p. 72).

Ela, que havia invadido o espaço real de uma família ao se relacionar virtualmente com Mauro, irrita-se com as possíveis invasões que seu espaço virtual sofre ao perceber que ele conversa com outras mulheres e, possivelmente, o faz em mídias que ela não pode controlar e que não lhe são públicas.

Esgotada e sem saída, a protagonista decide tomar uma decisão de confrontá-lo, o encontro poderia ser real ou virtual, mas a relação de ambos precisava ser discutida:

A Internet não poderia ser um simulacro, ela deveria ser um instrumento positivo e ser um reflexo e não um *flash* de cada um. Fosse com felicidade ou sem, deveria fazer sentido e permitir que nos oferecêssemos o que um homem e uma mulher devem compartilhar. Eu estava aprendendo a me compartilhar, a ser boa companhia para os outros e para mim, aprendendo a me dar a luz como se tivesse a chance de estar despida dentro do princípio e da carne e do verbo mais uma vez (TERRA, 2013, p. 74).

Mauro, ao contrário do que ela esperava, aceita o encontro real e resolve antecipá-lo. Às novas palavras do homem, a protagonista torna-se confusa frente a sua capacidade de interpretação, questionando-se se poderia ter confundido suas leituras das atitudes virtuais deste homem, sofrendo de forma prematura a um desentendimento que talvez nem existisse. Talvez fosse apenas fruto da sua leitura equivocada das atitudes daquele homem em um espaço que ela entendia como seu mundo, mas que não podia interpretar como interpretava as coisas do mundo:

Ele era melhor ser humano. Era gente. Não merecia os desmanches da mecânica corrompida e desordenada do meu pensamento. O vocabulário de Mauro era claro. Sua sintaxe, perfeita. Imperfeita era a minha leitura (TERRA, 2013, p. 76).

Nova viagem, dessa vez a mulher segue mais segura, embora novamente memórias afetivas passem a atormentar suas lembranças, não apenas de Mauro, mas de seus relacionamentos passados. A viagem transcorre com expectativas e idealizações:

[...] em poucos minutos, pousaria o avião definitivo, e todos os cacos seriam recolhidos da ortografia ilegível do meu desamparo. Mauro surgiria, genuíno, quase sagrado. E não haveria reverso ou pó sobre o nosso afeto e a nossa vontade. Por mais vigor com que o mundo virtual tentasse avançar, juntos seríamos uma força intransponível e alcançaríamos a liberdade sonhada a dois. Minha pele recendia um cheiro de promessa, frescor e confiança (TERRA, 2013, p. 77).

Novamente o espaço virtual é abandonado para que as certezas possam se legitimar, para que a relação – prenhe de palavras e interpretações, mas carente de afeto e certezas – possa tornar-se verdadeiramente real. A espera de Mauro no aeroporto torna-se longa, o espaço de passagem daquelas pessoas, daquelas famílias, passa a sufocá-la em uma angústia tomada de espera e medo. As horas passam, o movimento no aeroporto vai diminuindo e Mauro não aparece, diante das lágrimas de abandono da protagonista, surge uma pessoa conhecida, o homem que encontrara em sua viagem para Havana:

[...] se eu não era aquela passageira do voo de Havana. Sim, eu era aquela passageira, aquela mulher, aquela menina de Havana e precisava desesperadamente de um abraço [...] (TERRA, 2013, p. 79).

O romance narra mais um exemplo de história de amor que não termina bem, tema mais do que universal. Apresentando-nos um lado dilacerado e desassossegado de uma mulher apaixonada e invisível em uma relação de amor que iniciou no espaço virtual, onde cada palavra trocada, enviada e lida foi transformada em um sentimento de sonhos, desamor e sofrimento. Mostrando um amor platônico e destrutível.

POR QUE NEGAR O ACESSO?⁶: POSSÍVEIS CAMINHOS DO ROMANCE

Este romance trata da relação estabelecida no e pelo espaço virtual entre a protagonista feminina (sem nome) e o personagem Mauro. No referido romance, a trama – e porque não dizer? –, o drama da protagonista, inicia-se por meio de uma abordagem via Internet.

⁶ Este trecho é uma fala da protagonista do livro **A condição indestrutível de ter sido** (2013).

Em um jogo de palavras alucinantes e alucinadas, via espaço virtual, a relação amorosa entre ambos forma-se e transforma-se. A narrativa é feita em primeira pessoa, e a personagem – conforme apresentado na seção anterior – é uma produtora de conteúdo digital – mantém um blogue e através dele cria contato com seus leitores. Paradoxalmente a este movimento de revelada exposição, a relação dela com Mauro a transforma em uma mulher quase invisível, sobretudo porque o envolvimento efetiva-se apenas no plano das palavras lançadas no efêmero ciberespaço que os une, e é exatamente porque está consciente dessa liquidez amorosa que entre eles se estabelece, que a protagonista afirma por diversas vezes ser possivelmente a sua leitura de Mauro que estava errada, não ele: “Era gente. Não merecia os desmanches da mecânica corrompida e desordenada do meu pensamento. O vocabulário de Mauro era claro. Sua sintaxe, perfeita. Imperfeita era a minha leitura” (TERRA, 2013, p. 76).

As relações vão estabelecendo-se enquanto os personagens se comunicam, utilizando os aparatos tecnológicos que lhes são oferecidos no meio em que estão inseridos. Na medida em que as conversas (via mensagens privadas através do blogue e dos *e-mails* pessoais) vão acontecendo, é possível perceber um desvelar-se tanto para o outro quanto para si mesmo, tecidos no espaço da escrita e leitura, por meio da Internet.

Para os pesquisadores Coleta, Coleta e Guimarães (2008), a Internet, como telecomunicação, criou possibilidades de relacionamento interpessoal diferentes das antigas cartas e do não tão antigo telefone. Com o anonimato e a participação voluntária em *chats* de conversação, foram iniciadas amizades que evoluíram, em alguns casos, para relacionamentos íntimos. Em **A condição indestrutível de ter sido** essas questões são abordadas pela personagem:

O espaço de tempo entre o enviar e o receber *e-mail* ganhara proporções literárias e começava a enegrecer o meu olhar. Os meus olhos eram bons pesquisadores. No Google, com os dados que eu tinha de Mauro, seria possível montá-lo melhor. Digitei o nome, o sobrenome, a cidade e a profissão dele, abreviei, cruzei, procurei por imagens e não encontrei nada além do que era público nos blogues (TERRA, 2013, p. 54).

Ainda segundo os pesquisadores Ferreira e Sena (2010), citados no início deste artigo, o compartilhamento de informações sob a forma de textos, sons e imagens proporcionadas pelos hipertextos, promove o desenvolvimento de novas relações com as fontes do saber. Assim como o desenvolvimento de outros modelos de construção do conhecimento onde a aprendizagem possa tornar-se não só coletiva, mas cooperativa. O ato de leitura possibilita o retorno imediato,

às vezes interativo, às necessidades de resposta do leitor, conforme é possível verificar no romance de Helena Terra:

Uma semana passei afastada do teque-teque de um teclado, longe do bloco de anotações e sem abrir uma página das leituras escolhidas, desprezando infinitamente os meus livros. Uma semana tentei viver livre da ortografia do afeto que me prendia a Mauro e à tensão dos computadores (TERRA, 2013, p. 39, grifo nosso).

Nota-se, no trecho em destaque, que a personagem dirige-se a essa instância de relacionamento como “ortografia do afeto” (2013, p. 39), demonstrando a consciência de que as relações afetivas que se estabelecem no espaço virtual, constroem-se, sobretudo, a partir da escrita, da palavra. De acordo com Ferreira e Sena (2010), o que deve ser entendido é que as novas tecnologias envolvem um imaginário, mas sem aniquilar com todos os referenciais do real. Mais certo ainda, segundo os pesquisadores, é constatar que o homem contemporâneo vive em um mundo em movimento e que não há como se manter nos limbos da informação ou ignorá-la totalmente. Mesmo com todo o acesso à informação, a personagem do romance encontra-se em uma situação delicada ao perceber que o homem com quem se comunicara diariamente, por várias semanas, era um completo desconhecido e que, ao circular do espaço virtual para o espaço real, ela estaria talvez colocando-se em uma situação de perigo:

Eu sabia que ele me amava? Sabia, não sabia, sabia, não sei. Passei o mês marcando no calendário com um M, M de mauro. Mauro... Mauro... Mau... [...] Trinta dias enviando e recebendo declarações e promessas de querer e, quando chegou o dia do embarque e me dei conta de que, em três horas eu estaria na cidade dele, quinze minutos do trabalho dele, hesitei. Estar tão perto não seria ter ido longe demais? (TERRA, 2013, p. 55).

Esse trecho destacado mostra como a passagem do relacionamento virtual – troca de mensagens por computador – para o real – encontro face a face – é difícil de ser aceita pela protagonista. A dúvida: saber, não saber, instaura-se. Esse conflito poderá ser resolvido com o encontro presencial, entendido aqui como presença física. Neste contexto, a literatura contemporânea é capaz de levar os personagens ao mundo imaginário e fantasioso, levando também o leitor a fazer esse jogo de diversas possibilidades de se locomoverem dentro de diferentes espaços.

Compreender os novos espaços que surgem no campo literário permitirá compreender também as transformações que a literatura está sofrendo na contemporaneidade. Segundo Regina Dalcastagnè e Luciene Azevedo:

O espaço físico em que se situam narrativas e se deslocam personagens, que é sempre simultaneamente um espaço simbólico que atribui valorações distintas a quem dele participa, é colocado em questão junto com o campo literário, espaço metafórico em que ocorrem a movimentação e os embates de suas/seus agentes – autoras/es, leitoras/es, críticas/os, tradutoras/es, livreiras/os etc. [...] Analisar a relação que se estabelece entre os indivíduos e os espaços por elas/es frequentados, ou efetivamente vivenciados, é imprescindível para se entender a construção das subjetividades encenadas nas narrativas, na medida em que ‘ler’ o espaço e suas representações nos permite ‘ler’ as personagens que nele inscrevem suas experiências – e vice-versa (DALCASTAGNÈ, AZEVEDO, 2015, pp. 11-12, grifo das autoras).

Como forma de compreender o momento histórico que vivenciamos – momento este fortemente marcado pelo uso das tecnologias digitais da informação e comunicação – a importância desse artigo reside no fato de analisar, ainda que brevemente, o romance contemporâneo que se utiliza do espaço virtual no estabelecimento de suas relações; movimento que ainda está em construção.

De acordo com o pesquisador Luís Alberto Brandão (2016), também podemos observar que a identidade e o espaço utilizado para a construção do personagem estão ligados à questão de que o “espaço da identidade”, sem dúvida, é marcado não apenas por convergências de interesses, comunhão de valores e ações conjugadas, mas também por divergência, isolamento, conflito e embate.

Diante dessa facilidade e fluidez de comunicação que os espaços virtuais proporcionam, podemos perceber que as relações construídas nesses espaços vão se tornando similares àquelas estabelecidas no espaço real, entendido aqui como espaço físico. Ou seja, há uma linha tênue entre real e virtual. No entanto, não podemos incorrer no risco de dicotomizar estes “mundos”. No romance analisado, estes “mundos” complementam-se e são atravessados, ora por um ora pelo outro, constituindo-se por meio de efemeridades e permanências nas relações estabelecidas entre os personagens.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, 2016

COLETA, Alessandra dos Santos Menezes Dela; COLETA, Marília Ferreira Dela; GUIMARÃES, José Luiz Guimarães. O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela Internet. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, pp. 277-285, abr./jun., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a10v13n2>. Acessado em: 21 abr. 2016.

DALCASTAGNÉ, Regina; AZEVEDO, Luciene. Apresentação. In: **Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

FERREIRA, Rogério de Souza Sérgio; FELIPPE, Mara Alice Sena. Discurso e suporte literários informatizados atribuem a autor novos papéis? **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, vol.14. n.1, p. 21. 2010.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MUNARI, Ana Cláudia. **Literatura e Internet. Faltou informar o ano de publicação aqui**. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/anamunari.pdf>. Acessado em: 20 abr. 2016.

RESENDE, Beatriz. A literatura e as cidades vistas de perto. In: **Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira no século XXI**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Biblioteca Nacional, 2008. v. 1.

TERRA, Helena. **A condição indestrutível de ter sido**. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

WINK, Georg. Topografias literárias e mapas mentais: a sugestão de espaços geográficos e sociais na literatura. In: **Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

Enviado em: 06/12/2017

Aceito em: 12/03/2018